



O Conhecimento na Competência da Teoria e da Prática em Enfermagem 2

Isabelle Cordeiro de Nojosa Sombra
(Organizadora)

Atena
Editora
Ano 2019

Isabelle Cordeiro de Nojosa Sombra
(Organizadora)

O Conhecimento na Competência da Teoria e da Prática em Enfermagem 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C749 O conhecimento na competência da teoria e da prática em enfermagem 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Isabelle Cordeiro de Nojosa Sombra. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-168-8

DOI 10.22533/at.ed.688191203

1. Enfermagem – Estudo e ensino. I. Sombra, Isabelle Cordeiro de Nojosa.

CDD 610.73

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “*O Conhecimento na Competência da Teoria e da Prática em Enfermagem*” aborda uma série de estudos realizados na área da Enfermagem, sendo suas publicações realizadas pela Atena Editora. Em sua totalidade está composta por 3 volumes, sendo eles classificados de acordo com a área de abrangência e temáticas de estudo. Em seus 23 capítulos, o volume II aborda a Enfermagem no contexto educacional, com enfoque para ensino, pesquisa, capacitação dos profissionais atuantes na área e o processo de educar em saúde para sua promoção.

A estratégia educativa em Enfermagem protagoniza uma mudança de cenário na saúde desde a formação profissional, até a promoção da saúde para os usuários dos serviços. Nesse sentido, os estudos realizados contribuem para seu entendimento quando trabalham as mais diversas temáticas, dentre elas a educação para o autocuidado, educação permanente como ferramenta para melhoria na qualidade da assistência, além do uso de metodologias ativas de ensino-aprendizagem e tecnologias que facilitam a compreensão e o aprendizado. Assim, a educação em Enfermagem é fundamental em todos os campos de sua atuação, seja em sua inserção na assistência hospitalar, na Atenção Básica, ou mesmo na formação e capacitação de profissionais da área.

Portanto, este volume II é dedicado ao público usuário dos serviços de saúde, no tocante ao desenvolvimento de práticas de autocuidado e de promoção da saúde, além de ser de extrema relevância para enfermeiros atuantes na assistência, docentes da área e discentes, trazendo artigos que abordam experiências do ensino e aprendizagem no âmbito da saúde aos mais variados públicos.

Ademais, esperamos que este livro possa fortalecer e estimular as práticas educativas pelos profissionais de enfermagem, desde a atuação assistencial propriamente dita, até a prática dos docentes formadores e capacitadores, buscando cada vez mais a excelência no cuidado em enfermagem, e disseminando práticas promotoras da saúde.

Isabelle C. de N. Sombra

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A EDUCAÇÃO PERMANENTE COMO PROPOSTA DE MELHORIA NA ASSISTÊNCIA À SAÚDE DA CRIANÇA NA ATENÇÃO BÁSICA: UMA EXPERIÊNCIA EXITOSA	
Mérlim Fachini Paola Forlin Suzete Marchetto Claus	
DOI 10.22533/at.ed.6881912031	
CAPÍTULO 2	16
A EXPERIÊNCIA DO CURSO DE CAPACITAÇÃO EM DROGAS PARA ATENÇÃO BÁSICA E COMUNIDADE TERAPÊUTICA	
Raquelli Cistina Neves Araújo Yanna Cristina Moraes Lira Nascimento Maria Cícera dos Santos de Albuquerque Givânia Bezerra de Melo Natália Luzia Fernandes Vaz Thyara Maia Brandão Jorgina Sales Jorge	
DOI 10.22533/at.ed.6881912032	
CAPÍTULO 3	29
A IDENTIDADE SOCIAL DA ENFERMAGEM E AS INTERFACES COM A DECISÃO PROFISSIONAL DO ACADÊMICO	
Emillia Conceição Gonçalves dos Santos Geilsa Soraia Cavalcanti Valente Claudia Maria Messias Caroline Brelaz Chaves Valois Yasmin Saba de Almeida Ângela do Couto Capetini Joana Maria Silva Firmino Viviani Bento Costa Barros da Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.6881912033	
CAPÍTULO 4	50
A PESQUISA SOB O SUPORTE DA ERGOLOGIA: REFLEXÕES PARA A SAÚDE DO TRABALHADOR	
Rosane Teresinha Fontana Francisco Carlos Pinto Rodrigues Jane Conceição Perin Lucca Marcia Betana Cargnin Narciso Vieira Soares Zaléia Prado de Brum	
DOI 10.22533/at.ed.6881912034	
CAPÍTULO 5	61
A SAÚDE NOS ESPAÇOS EDUCACIONAIS: FORTALECENDO AS AÇÕES DE COMBATE AO MOSQUITO <i>Aedes Aegypti</i>	
Helyane Candido Pereira Mirna Neyara Alexandre de Sá Barreto Marinho Daniele Castro Aguiar Pimenta Elizabeth Gonçalves Magalhães Filha Cíntia de Lima Garcia	
DOI 10.22533/at.ed.6881912035	

CAPÍTULO 6 68

AÇÃO EDUCATIVA: INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS E PREVENÇÃO DO COLO UTERINO COM MULHERES DA ILHA DE COTIJUBA EM BELÉM

Girlane Alves Pinheiro
Elen Fernanda Lima De Moraes
Joana D'arc Da Silva Castanho
Shirley Aviz De Miranda

DOI 10.22533/at.ed.6881912036

CAPÍTULO 7 74

ALÉM DA TEORIA: FOLDER EDUCATIVO SOBRE SAÚDE DA MULHER E DA CRIANÇA

Sammya Rodrigues dos Santos
Bruno Côte Santana
Daniela Faria Lima
Lídia Rosa Alves da Silva
Pâmela Souza Peres
Rayanne Augusta Parente Paula
Casandra Genoveva Gonzales Martins Ponce de Leon

DOI 10.22533/at.ed.6881912037

CAPÍTULO 8 90

ANÁLISE DE DISCURSO FRANCESA: RELATO SOBRE SUA APLICABILIDADE EM ESTUDOS DE ENFERMAGEM

Andressa da Silveira
Neila Santini de Souza
Ethel Bastos da Silva

DOI 10.22533/at.ed.6881912038

CAPÍTULO 9 98

CHECK-LIST DE EXAME FÍSICO: REPERCUSSÕES NO ENSINO APRENDIZADO DA ENFERMAGEM FUNDAMENTAL

Vinicius Rodrigues de Souza
Gisella de Carvalho Queluci
Amanda Ribeiro Mendonca
Suelem Couto Friar Dias
Juliane da Silveira Jasmim
Leylane Porto Bittencourt

DOI 10.22533/at.ed.6881912039

CAPÍTULO 10 104

EDUCAÇÃO TERAPÊUTICA PARA O AUTOCUIDADO DE IDOSOS COM DOENÇAS CRÔNICAS

Camila Medeiros dos Santos
Edna Aparecida Barbosa de Castro

DOI 10.22533/at.ed.68819120310

CAPÍTULO 11 120

EDUCAÇÃO POPULAR NA CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA PARTICIPATIVA EM SAÚDE

Zaléia Prado Brum
Narciso Vieira Soares
Rosane Teresinha Fontana
Jane conceição Perim Lucca
Sandra Maria Cardoso Melo
Francisco Carlos Pinto Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.68819120311

CAPÍTULO 12 129

ENSINO TÉCNICO DE ENFERMAGEM: O USO DO PORTFÓLIO COMO FERRAMENTA FACILITADORA

Antonio Dean Barbosa Marques
July Grassiely de Oliveira Branco
Rochelle da Costa Cavalcante
Maria Cecilia Cavalcante Barreira
Francisca Bertilia Chaves Costa

DOI 10.22533/at.ed.68819120312

CAPÍTULO 13 140

FALTA DE REGISTRO NO LIVRO DE SINTOMÁTICOS RESPIRATÓRIOS: PLANO DE INTERVENÇÃO

Fabiana Ferreira Koopmans
Gisele de Araújo Peixoto
Donizete Vago Daher
Paula Soares Brandão

DOI 10.22533/at.ed.68819120313

CAPÍTULO 14 154

FASES DO PROJETO CONCEITUAL PARA A CONSTRUÇÃO DE UM PROTÓTIPO

Katia Cilene Ayako Inomata
Mildred Patrícia Ferreira da Costa
Silvia Cristina Furbringer e Silva

DOI 10.22533/at.ed.68819120314

CAPÍTULO 15 161

FORMAÇÃO DE GRUPO DE PESQUISA SOBRE PREVENÇÃO E TRATAMENTO DE LESÕES CUTÂNEAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Fernanda Sant'Ana Tristão
Vania Greice da Paz Schultz
Natieli Cavalheiro Viero

DOI 10.22533/at.ed.68819120315

CAPÍTULO 16 167

NÍVEL DE CONHECIMENTO SOBRE PARADA CARDIORRESPIRATÓRIA ENTRE ESTUDANTES DO NÍVEL TÉCNICO DE ENFERMAGEM E ENFERMEIROS

Alan Jonathas Da Costa
Silvia Emanoella Silva Martins De Souza
Jônatas De França Barros
André Ribeiro Da Silva

DOI 10.22533/at.ed.68819120316

CAPÍTULO 17 181

O CONHECIMENTO DAS MULHERES SOBRE A DOENÇA CORONARIANA

Bruna da Silva Oliveira
Marli Villela Mamede
Líscia Divana Carvalho Silva

DOI 10.22533/at.ed.68819120317

CAPÍTULO 18 194

PRÁTICA DO DOCENTE DE ENFERMAGEM EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR: EVIDÊNCIAS DA SAÚDE MENTAL

Claúdia Maria Messias

Geisa Soraia Cavalcante Valente
Elaine Antunes Cortez
Patricia Veras Neves De Oliveira
Emília Conceição Gonçalves Dos Santos
Fabiola Chaves Fernandes

DOI 10.22533/at.ed.68819120318

CAPÍTULO 19 203

REFLETINDO SOBRE O USO DAS METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO SUPERIOR

Jane Conceição Perin Lucca
Zaléia Prado de Brum
Rosane Teresinha Fontana
Márcia Betana Cargnin
Kelly Cristina Sangói
Alessandra Frizzo da Silva

DOI 10.22533/at.ed.68819120319

CAPÍTULO 20 213

SABERES E PRÁTICAS DE IDOSOS COM DIABETES *MELLITUS*

Adriana Lira Rufino de Lucena
Alinne Cassemiro Inácio
Suellen Duarte de Oliveira Matos
Iraktânia Vitorino Diniz
Maria Júlia Guimarães Soares Oliveira
Simone Helena dos Santos Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.68819120320

CAPÍTULO 21 222

SITUAÇÃO PROBLEMA NO EXAME FÍSICO EM CLIENTES HEMATOLÓGICOS: UMA VISÃO DO ENFERMEIRO

Vinicius Rodrigues de Souza
Gisella de Carvalho Queluci
Amanda Ribeiro Mendonca
Suelem Couto Friar Dias
Juliane da Silveira Jasmim
Leylane Porto Bittencourt

DOI 10.22533/at.ed.68819120321

CAPÍTULO 22 229

VER-SUS: UMA EXPERIÊNCIA EXCEPCIONAL PARA FORMAÇÃO ACADÊMICA NA REALIDADE DO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE

Berthiéli Aparecida Menegat
Carlice Maria Scherer

DOI 10.22533/at.ed.68819120322

CAPÍTULO 23 236

VIVÊNCIAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO I NA ATENÇÃO PRIMÁRIA EM SAÚDE. PERSPECTIVA DE ESTUDANTES DE ENFERMAGEM

Caroline Moura Da Silva
Karla Samara Da Silva Santos
Alexia Aline Da Silva Moraes
Marizete Alves Da Silva De Amorim Barreto
Jenifen Miranda Vilas Boas

DOI 10.22533/at.ed.68819120323

A EXPERIÊNCIA DO CURSO DE CAPACITAÇÃO EM DROGAS PARA ATENÇÃO BÁSICA E COMUNIDADE TERAPÊUTICA

Raquelli Cistina Neves Araújo

(in Memoriam)

Universidade Federal de Alagoas/ UFAL, Escola de Enfermagem e Farmácia/ESENFAR
Maceió – Alagoas

Yanna Cristina Moraes Lira Nascimento

Universidade Federal de Alagoas/ UFAL, Escola de Enfermagem e Farmácia/ESENFAR
Maceió – Alagoas

Maria Cícera dos Santos de Albuquerque

Universidade Federal de Alagoas/ UFAL, Escola de Enfermagem e Farmácia/ESENFAR
Maceió – Alagoas

Givânia Bezerra de Melo

Universidade Federal de Alagoas/ UFAL, Escola de Enfermagem e Farmácia/ESENFAR
Maceió – Alagoas

Natália Luzia Fernandes Vaz

Universidade Federal de Alagoas/ UFAL, Escola de Enfermagem e Farmácia/ESENFAR
Maceió – Alagoas

Thyara Maia Brandão

Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas/ UNCISAL, Departamento de Enfermagem
Maceió – Alagoas

Jorgina Sales Jorge

Universidade Federal de Alagoas/ UFAL, Escola de Enfermagem e Farmácia/ESENFAR
Maceió – Alagoas

RESUMO: O aumento do uso de drogas pela população vem trazendo grandes prejuízos à saúde pública e ampliando as demandas por cuidados específicos aos usuários nos diversos serviços integrantes do Sistema Único de Saúde. Mostra-se necessário o aprimoramento de profissionais das diversas áreas para a abordagem efetiva a esses usuários. O estudo objetiva descrever a experiência vivenciada por participantes de um projeto de extensão durante um curso de capacitação sobre drogas para profissionais de duas instituições (Estratégia de Saúde da Família e Comunidade Terapêutica). O curso envolveu docentes e discentes extensionistas da Universidade Federal de Alagoas como também enfermeiros residentes da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas. Durante a realização do curso, através de oficinas e metodologias ativas, assuntos como o trabalho em grupos terapêuticos e diferentes formas de acolhimento e atenção ao usuário de drogas foram abordados. A experiência proporcionou um vasto aprendizado e ambiente de trocas mútuas tanto para os profissionais de saúde quanto para os discentes de graduação em enfermagem e residentes envolvidos no projeto. Reitera-se a potência das dinâmicas grupais por favorecerem aquisição de habilidades e produção de competências no trabalho com

prevenção e manejo do uso abusivo de drogas.

PALAVRAS-CHAVE: Usuários de drogas, processos grupais, capacitação, enfermagem, saúde mental.

ABSTRACT: The enlargement of drug use by the population has brought many prejudice to the public health and increased the request for special care to the users in the several services integrants of the SUS. This shows that is imperative the upgrade of professionals of the various areas to the effective approach of the users. The study objective is to describe the experience lived by the participants of an extension project over the realization of a capacitating course on drugs for the professionals of two institutions (Family Health Strategy and Therapeutic Community). The course involved teachers and students extensionists of the State University of Health Sciences of Alagoas. During the realization of the course, through workshops and active methodologies, subjects like therapeutic group work and different themes of attention and reception to the user of drugs were addressed. The experience provided a great learning and mutual change environment for health professionals, graduating nursing students and residents involved in the project. Repeats itself the great strenght that the group dynamics provide as subsidy for the acquisition of skills and production at work competences with prevention and management to the abusive use of drugs.

KEYWORDS: Drug users, group processes, training, nursing, mental health.

1 | INTRODUÇÃO

O uso crescente de drogas pela população tem sido considerado um problema de saúde pública. No mundo, 2 bilhões de pessoas fazem uso de álcool, sendo seu consumo responsável por 3,8% das mortes e 4,6% dos casos de doenças (ANDRADE, DUARTE, OLIVERIRA, 2010). Em relação às drogas ilícitas, 230 milhões de pessoas têm experimentado algum tipo de substância que gera problemas a 27 milhões de pessoas (UNODC, 2012). Outra situação preocupante é o abuso de medicações, sedativos e tranquilizantes que estão entre os três tipos de drogas mais usadas de maneira indevida (UNODC, 2013).

No Brasil, estudos mostram que 74,6% da população geral fez uso ao menos uma vez na vida de álcool, 44% de tabaco e 22,8% das demais drogas; percentuais que aumentam em estudantes universitários, chegando a 86,2% o consumo do álcool e 26,1% da maconha (ANDRADE, DUARTE, OLIVERIRA 2010). Na Região Nordeste as evidências são mais agravantes: 27,6% da população adulta em geral e 94,6% de crianças e adolescentes em situação de rua fizeram uso de drogas ilícitas (NOTO et al. 2003; CARLINI et al., 2006).

Mediante o acentuado número de pessoas que fazem uso de drogas e a perceptível carência no aprofundamento desta temática pelos profissionais, intervenções com o intuito de instrumentalizá-los para o cuidado desta população são necessárias. A

perspectiva é atender esta demanda de forma mais habilidosa nos diversos níveis de atenção da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) articuladas à outros dispositivos intersetoriais.

Desta forma, firma-se a importância de ações de educação permanente visando aperfeiçoar o perfil de formação tanto dos profissionais já inseridos nos serviços quanto daqueles que estão em processo de formação acadêmica. Esta preocupação, que também parte da Universidade, surge na busca de transformar a realidade social e despertar nos seus discentes um olhar ampliado para a resolução dos problemas que envolva a atual conjuntura. Para se produzir mudanças no comportamento dos profissionais em seu cotidiano de trabalho, muitas vezes institucionalizados pelos serviços de saúde, é necessário privilegiar o conhecimento prático em suas ações educativas e favorecer a reflexão compartilhada e sistemática dos casos atendidos e situações vivenciadas (CARLINE et al., 2006).

A Universidade Federal de Alagoas (UFAL), como instituição pública pautada no ensino, pesquisa e extensão, empenha-se no desenvolvimento de ações que envolvam discentes, docentes e técnicos para atuar na resolução dos problemas evidenciados na sociedade. Destacam-se, deste modo as atividades extensionistas, norteadas por um plano nacional pactuado entre as instituições de ensino superior do Brasil, como um dos pilares para fortalecimento do processo ensino-aprendizagem (PAULA et al., 2012).

Para tanto, houve a necessidade de planejar e desenvolver uma capacitação para profissionais da saúde a partir do projeto de extensão intitulado: “Experiência grupal em práticas de promoção à saúde mental e prevenção ao uso de álcool/ crack e outras drogas: uma proposta interdisciplinar e intersetorial”. Sendo assim, este relato tem como finalidade descrever a experiência vivenciada enquanto participantes de um projeto de extensão durante um curso de capacitação em drogas para profissionais de duas instituições.

2 | METODOLOGIA

A capacitação sobre drogas ocorreu no segundo semestre do ano 2012 em três cenários de aprendizagens quais sejam: Escola de Enfermagem e Farmácia da Universidade Federal de Alagoas (EENFAR), uma Estratégia de Saúde da Família (ESF) e uma Comunidade Terapêutica (CT).

O desenvolvimento da capacitação foi conduzido por uma equipe constituída por duas residentes de enfermagem em Saúde Mental e Psiquiatria da Universidade de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL), as quais fizeram parceria com a Universidade Federal de Alagoas (UFAL), na condição de coordenadoras e facilitadoras, doze estudantes bolsistas e voluntários que contribuíram na dinâmica de facilitação como também no planejamento das ações, três docentes que assumiram o papel de

supervisoras de todas as atividades do projeto de extensão. Todos trabalharam juntos na construção e execução da capacitação direcionada a um total de doze profissionais entre enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais, agentes comunitários de saúde e monitores, sendo cinco da CT e sete da ESF.

Os participantes do projeto de extensão, antes de dar início aos encontros do curso de capacitação, foram treinados em suas habilidades técnicas sobre o tema através do Centro Regional de Referência para formação permanente de profissionais da rede de atenção a usuários do Crack e outras drogas de Alagoas (CRR-AL), e em suas habilidades emocionais através dos encontros de supervisão consolidados em grupos terapêuticos para lidar com questões subjetivas que pudessem causar alguma dificuldade durante as abordagens individuais e em grupo.

Após o treinamento com os participantes do projeto de extensão, os mesmos tornaram-se os facilitadores do curso de capacitação: “Promovendo habilidades interpessoais para trabalhar com a temática drogas”, desenvolvido em duas etapas com as duas equipes multiprofissionais da CT e da ESF.

Cada encontro precedeu-se do planejamento participativo das atividades para cada dia correspondente. Foram utilizadas metodologias ativas, modalidade de grupos operativos, encontros de planejamento, processos avaliativos contínuos e oficinas terapêuticas. As residentes, enquanto coordenadoras e facilitadoras, tiveram suporte e apoio mútuo durante a capacitação dos graduandos de enfermagem envolvidos no projeto e supervisão direta das professoras da ESENFAR/UFAL durante todo o processo.

A primeira etapa ocorreu ao longo de oito encontros realizados em sala de aula da própria ESENFAR, sendo trabalhados conteúdos teórico-práticos a partir de aulas expositivas dialogadas, dinâmicas de grupo, discussão de vídeos, dentre outros. Os conteúdos teóricos escolhidos foram: acolhimento nos serviços de saúde, promoção à saúde com enfoque na saúde mental, trabalho com oficinas terapêuticas, uso dos instrumentos de triagem AUDIT (Teste de Identificação de Transtornos do Uso de Álcool) e ASSIST (Teste de Triagem do Envolvimento com Álcool, Tabaco e outras Substâncias), intervenção breve, entrevista motivacional, estratégias de reabilitação psicossocial e Política de Redução de Danos. Ao final de cada encontro, com duração média de quatro horas, foi realizada avaliação das atividades realizadas.

Deste modo, as residentes e os estudantes foram distribuídos em duas frentes de trabalho. No mesmo instante em que uma equipe conduzia o trabalho em uma semana, no mesmo horário, a outra estava reunida fazendo o planejamento da semana seguinte em que preparava todo material com total autonomia no processo. Porém, o planejamento só era concluído quando a equipe que estava conduzindo o processo do encontro anterior repassava para a equipe seguinte as ocorrências e as necessidades emanadas da vivência.

A segunda etapa foi constituída de oficinas que ocorreram na sede dos próprios serviços de saúde integrantes do projeto, sendo as mesmas executadas pelos próprios

profissionais treinados previamente para lidar com as dinâmicas grupais na primeira etapa; a presença das residentes e alunos de graduação foi garantida, somente, com o intuito de acompanhamento dos profissionais. Sendo assim, nesta etapa, os profissionais foram estimulados a planejarem e realizarem oficinas terapêuticas de prevenção ao uso abusivo de álcool, crack e outras drogas na comunidade.

Para o adequado seguimento dos trabalhos, ao término de cada encontro, foi realizada a supervisão do dia com uma das professoras supervisoras do projeto. Nesse momento, era priorizado um espaço para a avaliação das atividades desenvolvidas, discussões das potencialidades, vulnerabilidades dos participantes do curso e a metodologia aplicada no encontro.

Utilizou-se da articulação dos dois serviços envolvidos no projeto, de forma interdisciplinar, e das metodologias ativas de aprendizagem para a produção de benefícios à população atendida. No contexto das novas tendências pedagógicas, a Metodologia Ativa é uma das possíveis estratégias, na qual o aluno é o protagonista central, corresponsabilizado pela sua trajetória educacional, e o professor apresenta-se como coadjuvante, um facilitador das experiências relacionadas ao processo de aprendizagem (REIBNITZ, PRADO, 2012). Desta forma, durante toda a capacitação foi valorizada a “voz” dos participantes e isso deu vazão a uma gama produtiva de troca de experiências e aprendizados significativos.

Durante o treinamento as vivências estimularam o desenvolvimento de habilidades para lidar com grupos operativos, além de abordar aspectos subjetivos envolvendo medos, tabus e estigmas. Também foram trabalhadas questões informativas e epidemiológicas relacionadas ao consumo de drogas; enquanto nas oficinas o foco abrangeu a prevenção ao uso de drogas.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

A equipe que conduziu a capacitação desenvolveu habilidades e saberes, extremamente, significativos. Para as residentes, representou uma valiosa oportunidade de exercitar a capacidade de planejamento de ações educativas, ministração de aulas, facilitação de grupos, liderança em relação aos estudantes da graduação.

Destaca-se o desenvolvimento da capacidade de liderança com um elemento contributivo de muita potência para a condução de todas as atividades realizadas. Neste eixo norteador: “o líder deverá ver a sua organização como um todo, definir um planejamento estratégico possibilitando as condições de elaboração de metas, conduzir times de trabalhos, para conseqüentemente conquistar os objetivos organizacionais” (CORTEZ et al., 2009). A oportunidade de condução da capacitação foi ímpar neste sentido, pois a liderança das residentes em relação aos alunos de graduação, a execução de todos os planejamentos do curso, a divisão do trabalho entre a equipe até a conclusão de cada encontro, juntamente com a convivência e

troca de experiências com os profissionais, contribuiu para aquisição de habilidades profissionais e pessoais que jamais serão esquecidas.

Por diversas vezes o receio de não conseguir liderar os estudantes, preparar e ministrar as aulas e prover todas as demandas necessárias para o bom andamento do curso geraram sentimentos de ansiedade e insegurança diante do desconhecido. Ao mesmo tempo, o apoio e a presença das professoras supervisoras em todo o processo produziram sensações de conforto e segurança de que os objetivos seriam alcançados.

No tocante aos estudantes ocorreu participação significativa tanto nas atividades de planejamento quanto nas de execução das ações, com atribuições específicas em relação às temáticas desenvolvidas em cada encontro. Assim, efetivamente, após receberem treinamento, exercitaram o planejamento e a facilitação de grupos e atuaram como apoiadores nas atividades práticas realizadas pelos profissionais capacitados nos serviços escolhidos.

O trabalho em saúde centrado numa lógica horizontal, profissional-usuário, possibilitou o processo de aprendizagem das residentes e dos estudantes da graduação baseado nos quatro pilares da educação: “aprender a aprender”, “aprender a fazer”, “aprender a conviver” e “aprender a ser”, fundamental para compreensão do processo de agir sobre o meio, aprendendo a viver junto, participando e cooperando com os outros. E ainda compreendendo o ser como um todo que possui corpo e espírito com inteligência, sensibilidade, ética, responsabilidade pessoal e espiritualidade (SCHERER, SCHERER, 2014).

A visão holística de uma pessoa precisa ser incorporada às práticas de cuidado prestadas pelo enfermeiro. Estudos endossam que docentes tinham a percepção de que o cuidado de enfermagem desenvolvido requer não somente acolher o outro ser cuidado como singular, mas poder perceber também o estudante como ser singular e ambos se compreenderem como seres singulares, buscando acolher a unicidade na diversidade, o que demanda pensar também no contexto/ambiente dos seres humanos (PIEXAK, BACKES, SANTOS, 2013).

Neste sentido, a vivência da capacitação proporcionou a todos os seus participantes uma interação significativa, na qual todos eram respeitados e acolhidos em suas singularidades. Assim, todos detinham “voz ativa”, ou seja, a opinião individual era valorizada contribuindo para as benéncias que a troca de experiências produz em cada ser humano. A capacitação partiu do princípio de que cada sujeito é singular e deve ser reconhecido, acolhido e compreendido em seu contexto cultural, e não apenas biológico.

Para incorporar uma postura acolhedora, os facilitadores da capacitação precisaram compreender o acolhimento como a promoção de uma assistência humanizada que permitisse maior acessibilidade aos serviços e aos profissionais reforçando cada vez mais a realização de uma escuta qualificada (CARDONA, 2013), sendo assim, esta conduta foi o pilar da relação interpessoal entre facilitadores e

participantes do curso, ratificando o respeito, a escuta e as livres expressões.

Esta forma acolhedora de conduzir um processo de formação, para aquisição de habilidades profissionais, levou os estudantes de enfermagem, bem como os residentes e os profissionais envolvidos no processo, a (re) pensar as estratégias de educação em saúde utilizadas quando o público alvo constituiu-se de pessoas que vivenciam ou vivenciaram o uso de drogas. Deste modo, além dos conteúdos teóricos abordados sobre drogas, a capacitação considerou aspectos relacionados à subjetividade humana, proporcionando aos participantes expressarem seus sentimentos de angústia e medo provocados pela inabilidade de lidarem com situações vulnerabilidades relacionadas ao uso de drogas.

Para as supervisoras, a experiência foi uma rica oportunidade de disponibilizar escuta qualificada aos estudantes e residentes, exercitar a reorientação do planejamento das ações a cada encontro, acompanhar as atividades dos profissionais capacitados nos serviços, oferecer suporte emocional e promover a constituição de vínculos entre todos os participantes, além de exercer a relação interpessoal com base na aceitação incondicional e empatia. A ideia era criar um ambiente de afetabilidade construído a cada encontro e ao longo de todos os encontros se produzia a construção de redes de conversações afirmadoras de relações de potência nos processos de produção de habilidades profissionais e pessoais (BRASIL, 2010).

A percepção de apoio e a sensação de ter todas as dúvidas findadas pelas supervisoras e até mesmo as oportunidades prévias de preparação para que desse suporte ao início do curso foram essenciais e motivadoras para levar os participantes a firmarem compromisso com a capacitação. Sentir-se motivadas em todo o processo do curso foi o resultado do uso de estratégias que proporcionaram tarefas desafiadoras e adequadas às habilidades dos facilitadores, pois todo desafio desequilibra e incentiva o trabalho mental e afugenta pensamentos de comparação que muitas vezes impedem o lançamento a experiências novas e ideias inéditas (MAIESKI, OLIVEIRA, BZUNECK, 2013).

A fim de favorecer continuamente as questões subjetivas dos profissionais bem como dos facilitadores do curso, dando voz ativa as suas opiniões para modificar seus paradigmas, uma questão pertinente a todos os encontros foi a utilização dos processos avaliativos, os quais foram executados tanto ao término de cada encontro, pelos residentes e estudantes, para colher o *feedback* dos profissionais participantes; quanto em outro momento posterior ao término do encontro, pelas supervisoras, no intuito de escutar todas as demandas dos facilitadores, em uma roda de conversa que provia a reflexão de posturas inadequadas e reforço de boas condutas. Deste modo favoreceu-se a construção de um ambiente fecundo para a troca e crescimento pessoal e profissional conjunto.

Estimular a livre expressão também é uma das ações pertinentes ao professor. A utilização de métodos que: propiciem ao estudante a oportunidade de escolha, provejam apoio para as ideias individuais e estilos pessoais de desempenho empregando

critérios controláveis de avaliação, enfatizam os resultados individuais em oposição a comparações, evidenciem o esforço, apresentem o erro como oportunidade de aprendizagem e oportunizem ao aluno repetidas chances de revisar o trabalho; passam a ser recursos imprescindíveis à mudanças de comportamentos favoráveis a uma adequada atuação profissional e convivência entre a equipe (MAIESKI, OLIVEIRA, BZUNECK, 2013).

Neste íterim, os processos avaliativos cultivados e fomentados pelas supervisoras ofereceram a reflexão pessoal para os residentes e alunos de graduação, além de proporcionarem subsídios para o planejamento do encontro subsequente a fim de melhorar conceitos intrapessoais e intragrupo emergidos nos encontros. Em relação à experiência vivenciada pelos profissionais participantes da capacitação, estes participaram ativamente das discussões, expressaram que os temas trabalhados iriam contribuir para o aumento da qualidade da assistência, conseguiram planejar e executar adequadamente as oficinas propostas.

Enfatizou-se durante as discussões falas que evidenciaram a dificuldade sentida em lidar com as pessoas que fazem uso de drogas por receio do tráfico provocar alguma espécie de retaliação, somada a resistência ao atendimento a estas pessoas pelo estigma que esta população, infelizmente, ainda abarca.

Entretanto, durante alguns encontros da capacitação, estas questões foram trabalhadas e houve o despertar dos profissionais sobre os conceitos e padrões de uso das drogas, favorecendo a possíveis mudanças e rompimento de paradigmas. Portanto, estas demandas foram trabalhadas durante o curso num *continuum* despertar de novos olhares, ou seja, se é percebido que aquele usuário de drogas precisa de cuidados de saúde e é uma pessoa que detém todos os direitos como cidadão fica mais fácil a construção de vínculos e, possivelmente, a quebra de estigmas sociais. Por conseguinte, a dinâmica grupal e os vários momentos de escuta propiciados na capacitação geraram a possibilidade de construir conjuntamente estratégias para o enfrentamento do problema e a aquisição de habilidades pessoais e profissionais no lidar com o usuário em uso ou abuso nocivo de drogas (PAULA et al., 2012).

Um dos pontos em voga tanto para os profissionais da atenção básica quanto da Comunidade Terapêutica é que há uma necessidade contínua de aprimoramento no lidar com o usuário de drogas, pois, na maioria das vezes o profissional de saúde não é previamente preparado para assumir atividades com esta clientela, e deste modo, acabam por não desenvolver habilidades para trabalhar este fim. Tanto a pessoa que faz uso, como o profissional que o assiste acabam expostos a situações de preconceitos dificultando o apoio que poderia ser ofertado (VAZ, 2013).

Outro ponto crucial foi a discussão sobre a Política de Redução de Danos do Ministério da Saúde e o que ela sugere em relação a como os cuidados ofertados ao usuário de drogas deveriam ser executados. À medida que este conteúdo ia sendo abordado, percebia-se que os profissionais possuíam conceitos equivocados no tocante a esta política, concebidos sem o real aprofundamento e conhecimento da

proposta de Redução de Danos, definida como estratégia inteligente e eficiente para minimizar as consequências adversas do uso indevido de drogas.

A política de Redução de Danos parte de uma realidade de dependência ou não que se impõe sem tentar negá-la ou modificá-la por discursos impositivos, morais ou éticos. Ao lidar com o dependente como um igual, abre-se uma porta e os profissionais de saúde logo descobrem que, através do vínculo, é possível despertar no outro o desejo de se cuidar. Assim, vislumbra-se uma atitude que faça emergir o respeito ao indivíduo e lhe ofereça meios acessíveis para a melhora de sua qualidade de vida, principalmente no que se refere à saúde (NIEL, 2008).

A postura ambivalente dos profissionais sobre a eficácia da política frente a “substituição de uma droga para com a outra” foi polêmica durante a capacitação. Para os profissionais existe um paradigma de que a melhor forma de “tratamento” é a abstinência total e que a redução de danos é eficiente somente quanto a aplicação em relação à educação sexual. A compreensão ambígua da redução de danos tornou-se mais evidente quando alguns profissionais expressaram referenciais teóricos inadequados sobre os tipos de drogas que causam dependência, como por exemplo, quando houve referência do álcool como droga menos nociva que as demais, acreditando-se que para tratá-la o esforço seria menor que o despendido às drogas ilícitas.

Durante o curso observou-se que muitos profissionais não possuíam o conhecimento estatístico sobre o elevado índice de dependência que o álcool possui, levando-os a considerar somente as drogas ilícitas como capazes de causar dependência química. Esta percepção é nitidamente contestada pela discussão de alguns estudos, inclusive pelo I Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e Outras Drogas entre Universitários das 27 Capitais Brasileiras que evidencia o uso cada vez mais precoce da ingestão de bebida alcoólica, iniciando-se em mais de 50% dos universitários, antes dos 16 anos de idade, gerando em suas vidas muitos prejuízos sociais, legais e/ou de saúde (ANDRADE, DUARTE, OLIVEIRA, 2010).

Neste contexto, os prejuízos advindos do uso prejudicial do álcool sempre estiveram referendados como um problema extremamente grave em termos de Saúde Pública no Brasil (NOTO, et al., 2003).

Outro ponto levantado nas discussões foi o sentimento de frustração emanado pelos profissionais quanto à falta de garantia da continuidade da assistência ao usuário ou de uma rede que o insira na sociedade. Nesta linha de pensamento, trabalhadores sentem-se incapazes de auxiliarem essas pessoas que fazem ou fizeram uso de drogas a se integrarem no mercado de trabalho ou mesmo em sua própria família, pois a articulação entre os serviços é falha e a continuidade da assistência fica comprometida gerando sentimentos de frustração (DIAS, 2011).

Ao que se refere à experiência vivenciada nas duas ocasiões em que foi destinada a parte prática do curso configurada por oficinas terapêuticas destinadas a comunidade, tornou-se perceptível a carência das pessoas acompanhadas pelos dois

serviços (atenção básica e comunidade terapêutica) em participarem de momentos como estes. Na fase de desenvolvimento das oficinas o foco sempre era retomado com construções ímpares pertinentes a problemática envolvida. As mesmas oficinas foram realizadas nas duas instituições, em uma foi abordado o tema tabagismo x qualidade de vida e na outra foi passado um vídeo relacionado ao uso nocivo das drogas e prejuízos causados na vida das pessoas. Ambas as oficinas eram abertas para esclarecimentos de dúvidas e explanação de ideias.

Na atenção básica falar sobre drogas causou certo desconforto inicial para os ouvintes, pois a região é permeada de casos difíceis relacionados ao tráfico de drogas. Se o estigma que envolve usuários de drogas for conhecido, os “normais” tendem a ver sua liberdade como uma constante ameaça à ordem, situação capaz de alterar intimamente seu relacionamento com a sociedade (LIMA, OLIVEIRA, WILRICH, 2012). Assim, apesar de ter sido relatado esta dificuldade pelos participantes da oficina, no decorrer dos acontecimentos, a troca de experiências favoreceu ao diálogo e a superação destas barreiras. Também se percebeu ao ser abordado a temática do tabagismo x qualidade de vida que o exemplo de sucesso de uma pessoa contribuiu para o aumento da motivação de outra para conseguir vencer o vício.

Já na Comunidade Terapêutica o diálogo sobre drogas fluiu bem mais tranquilo, pois são pessoas que já estão inseridas neste contexto há muito tempo e que estão ali pleiteando melhora. O que foi percebido é o próprio desconhecimento dos malefícios que o uso indiscriminado de drogas pode causar na saúde das pessoas. Também foi adentrado nas questões sociais e emocionais destas pessoas, ou seja, seus medos, inseguranças, anseios no que tange a conseguir (re) direcionar suas vidas depois de todas as perdas que o envolvimento com as drogas lhe causou.

As oficinas foram emocionantes e trouxeram à tona quesitos que trabalharam a subjetividade de cada um, favorecendo para reflexão de novas possibilidades e talvez até contribuindo para novas tomadas de decisão em relação ao que a vida pode oferecer para as pessoas quando se fazem as escolhas certas na vida. Todos os questionamentos dos usuários foram esclarecidos, o que emanou sentimentos de segurança. Foi relatado que momentos como este deveriam ser repetidos, pois traziam informações importantes sobre a temática drogas, o que favoreceria a um constante (re) pensar sobre atitudes neste contexto.

Foi percebido que surgiram sentimentos capazes de subsidiar a motivação para busca de uma melhor qualidade de vida. Neste contexto, infere-se a importância das oficinas terapêuticas na promoção e prevenção ao uso da droga, bem como no cuidado às pessoas que fazem uso, proporcionando espaço de construção compartilhada de saberes com vistas a reabilitação psicossocial e reinserção social. Estudos afirmam que as oficinas são capazes de resgatar lembranças, provocar sensações, desenvolver a criatividade, propiciar relações, fortalecer laços afetivos e promover habilidades, as quais são competências importantes no processo terapêutico para a superação de dificuldades (LIMA, OLIVEIRA, WILRICH, 2012).

A impressão que se teve é que os assuntos abordados nas oficinas nunca são esgotados e que sempre há o que se debater, o que se informar e o que se construir para a promoção conjunta de um cuidado amplo dando vistas a reabilitação psicossocial do usuário.

A portaria ministerial número 3088 de 2011 define que a Rede de Atenção Psicossocial deve promover a reabilitação e reinserção da população que faz uso nocivo e/ou abusivo de drogas, por meio do acesso ao trabalho, renda e moradia solidária, mecanismos de formação permanente aos profissionais de saúde e articulações intersetoriais (BRASIL, 2013). Neste aspecto, cursos como estes espalhados por todas as universidades federais e estaduais, sendo utilizados de forma ampla pelo Brasil e pelo mundo, sem sombra de dúvidas, seria um ganho significativo para esta população tão sofrida e estigmatizada.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência proporcionou um enorme aprendizado e ambiente de trocas mútuas tanto para os profissionais de saúde quanto para os alunos de graduação em enfermagem e enfermeiros residentes envolvidos no projeto. Reitera-se a grande força que a dinâmica grupal fornece como subsídio que corrobora de forma profícua para aquisição de habilidades e produção de competências para o trabalho com promoção, prevenção ao uso de drogas, e reabilitação destas pessoas.

O curso desde o início fomentou a intersetorialidade, uma vez que uniram estudantes de graduação em enfermagem, enfermeiros residentes em Saúde Mental e Psiquiatria, professores da UFAL e profissionais de uma Estratégia de Saúde da Família e uma Comunidade Terapêutica. Neste sentido a extensão já foi audaciosa, ousando e buscando a articulação de serviços ao aproximar relações intersetoriais. Neste contexto, a intersetorialidade estabelece modos de organizar serviços e setores com intuito de aproximá-los das reais necessidades dos usuários, de forma a propiciar o cuidado com o compartilhamento de responsabilidades.

Assim, a capacitação contribuiu para aproximação e troca de experiências entre serviços que cuidam de uma mesma população, porém com enfoques diferenciados e isso propiciou um (re)pensar em ações de cuidado que poderiam não ter sido pensadas anteriormente. Deste modo, algumas implicações da experiência ressaltaram a importância da qualificação dos profissionais da saúde em serviço no que tange à humanização da intervenção com os usuários de drogas, através do acolhimento, engajamento e articulação com os serviços que permitem ao indivíduo reconhecer-se como sujeito e se engajar na própria reabilitação e reinserção social.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, A. G.; DUARTE, P. C. A. V.; OLIVEIRA, L. G. (Org.). **I Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e Outras Drogas entre Universitários das 27 Capitais Brasileiras**. Brasília: SENAD- Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2010.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Educação Permanente em Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. 64 p.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Acolhimento nas práticas de produção de saúde**. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.
- BRASIL. Portaria nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011. Institui a Rede de Atenção Psicossocial. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 21 maio 2013. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt3088_23_12_2011_rep.html> acesso: 16 de dez de 2013.
- CARLINI, E. A. et. al (Org.). **II Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil**: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país. 2005. São Paulo: CEBRID - Centro Brasileiro de Informação sobre Drogas Psicotrópicas: UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo, 473 p., 2006.
- CARDONA, H.E.H. **Gerenciamento de caso em usuários de crack**: contribuições para o tratamento e qualificação da intervenção profissional de um caps-ad do DF. 2013, 107 f. **Dissertação** (Mestrado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde) – Instituto de Psicologia, Universidade Brasília, DF, 2013.
- CORTEZ, E., DA SILVA, I., LOPES, F., DA SILVEIRA, M., MOURA, P., DOS SANTOS, R. Liderança: O Desafio Das Enfermeiras Recém-Formadas. **Rev. de Pesq.: cuidado é fundamental On line**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 74-84, mai./ago. 2009. Disponível em: <<http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/291/278>>. Acesso em: 18 nov. 2018.
- DIAS, I. M. T. Estigma e ressocialização - uma análise sobre direitos humanos e a reintegração de adolescentes em conflito com a lei. **Videre**, Dourados, MS, v. 3, n. 6, p. 87-109, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://bdjur.stj.jus.br/jspui/bitstream/2011/124730/estigma_ressocializacao_analise_dias.pdf>. Acesso em em: 18 nov. 2018.
- LIMA, F.; OLIVEIRA, M.; WILRICH, J. Relato de experiência - a arte como instrumento de reinserção social. **Journal of Nursing and Health**, América do Norte, 215 05 2013.
- MAIESKI, S., OLIVEIRA, K. L., BZUNECK, J. A. Motivação para aprender: o autorrelato de professores brasileiros e chilenos. **Psico-USF**, Itatiba, SP, v. 18, n. 1, p. 53-64, abr. 2013. Disponível: <[em<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712013000100007&lng=en&nrm=iso>](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712013000100007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 18 nov. 2018.
- NIEL, M., SILVEIRA, D.X. (Org.). **Drogas e Redução de Danos**: uma cartilha para profissionais de Saúde. São Paulo, UNIFESP, 2008.
- NOTO, A.R.; GALDURÓZ, J.C.F.; NAPPO, S.A.; FONSECA, A.M.; CARLINI, C.M.A.; MOURA, Y.G.; CARLINI, E.A (Org.). **Levantamento nacional sobre o uso de drogas entre crianças e adolescentes em situação de rua nas 27 capitais brasileiras, 2003**. São Paulo: CEBRID – Centro Brasileiro de Informações sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas, Departamento de Psicobiologia, UNIFESP, 246 p. 2004.
- PAULA, C.C., PADOIN, S.M.M., LANGENDORF, T.F., MUTTI, C.F., HOFFMANN, I.C., VALADÃO, M.C. Acompanhamento ambulatorial de crianças que tem HIV/AIDS: cuidado centrado na criança e na família. **Cienc Cuid Saude**: revista da Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, v. 11, n. 3, p.196 – 201, jan./mar. 2012. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/18878/pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

PIEXAK, D. R.; VOLTA, D. S.; SANTOS, Silvana, S. C. O cuidado de enfermagem na perspectiva da complexidade para os docentes de enfermagem. **Rev. Gaúcha Enferm.** Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 46-53, junho de 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472013000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 de nov. 2018.

REIBNITZ, K.S., PRADO, M.L. **Inovação e educação em enfermagem.** Florianópolis: Cidade Futura; 2006.

SCHERER, Z. A. P., SCHERER, E. A. Identificação dos pilares da educação na disciplina integralidade no cuidado à saúde. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 46, n. 4, p. 985-993, ago. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342012000400029&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 18 nov. 2018.

UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME. **World Drug Report 2012.** United Nations publication, Austrália: Sales, N. E.12.XI.1.

UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME. **World Drug Report 2013.** United Nations publication. Austrália: Sales, N. E.13.XI.6.

SOBRE A ORGANIZADORA

Isabelle Cordeiro de Nojosa Sombra - Enfermeira. Doutoranda em Obstetrícia - UNIFESP/UFC (DINTER). Mestre em Saúde Coletiva PPSAC/UECE. Especialização em Saúde Pública - UECE. Especialização em Enfermagem Obstétrica e Saúde da Mulher - 4 Saberes (em conclusão). Docente do Centro Universitário Estácio do Ceará e do Centro Universitário Pitágoras de Fortaleza

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-168-8

